

INSTITUTO DE TEOLOGIA E FILOSOFIA SANTA TERESINHA
MARIA TERESA CARDOSO FREIRE DA ROSA

A VOCAÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA E
SUA INCIDÊNCIA JUNTO AOS JOVENS NO BRASIL

São José dos Campos

2012

INSTITUTO DE TEOLOGIA E FILOSOFIA SANTA TERESINHA
MARIA TERESA CARDOSO FREIRE DA ROSA

A VOCAÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA E
SUA INCIDÊNCIA JUNTO AOS JOVENS NO BRASIL

Monografia apresentada ao Instituto de Teologia e Filosofia Santa Teresinha como requisito parcial para a conclusão do Curso de Teologia, sob orientação do Prof. MSc. Osmar Cavaca.

São José dos Campos

2012

M 27-76(81)
R728v

Rosa, Maria Teresa Cardoso Freire da
A vocação evangelizadora da igreja e sua incidência
junto aos jovens no Brasil / Maria Teresa Cardoso Freire
da Rosa. SJCampos, SP: ITEFIST, 2012.

55 folhas

Monografia apresentada ao Instituto de Teologia e
Filosofia Santa Teresinha, como requisito parcial para a
conclusão do curso de Teologia, sob a orientação do
Profº MSc. Pe. Osmar Cavaca.

1. Igreja. 2. Juventude. 3. Evangelização. I. Título

MARIA TERESA CARDOSO FREIRE DA ROSA

A vocação evangelizadora da Igreja e sua incidência junto aos jovens no Brasil

Monografia apresentada ao Instituto de Teologia e Filosofia Santa Teresinha como requisito parcial para a conclusão do Curso de Teologia, sob orientação do Prof. MSc. Osmar Cavaca.

Aprovado em: 05/12/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Osmar Cavaca

Instituto de Teologia e Filosofia Santa Teresinha – ITEFIST – SJCampos-SP

Prof. MSc. Roberto Marcelo da Silva

Instituto de Teologia e Filosofia Santa Teresinha – ITEFIST – SJCampos-SP

Prof. MSc. Walter Eduardo Lisboa

Instituto de Teologia e Filosofia Santa Teresinha – ITEFIST – SJCampos-SP

Ao meu Anjo da Guarda por ter me acompanhado e ajudado ao longo de todo o curso.

Bendito seja Deus por tudo!

São João Crisóstomo

RESUMO

Este trabalho monográfico aborda a temática da missionariedade da Igreja a partir de seus aspectos históricos e como esta tem incidência na realidade juvenil. A Igreja, missionária em sua própria natureza, deve ter no jovem o agente e o destinatário de sua práxis evangelizadora. Para ter bom êxito nesse objetivo, deve lançar mão de tudo o que se fizer oportuno sem medo de ousar. Na atual conjuntura social e eclesial na qual a juventude brasileira se encontra faz-se necessário oferecer novos espaços e métodos para que a evangelização possa acontecer de maneira mais eficaz entre os jovens.

Palavras-chave: Igreja, Juventude, Evangelização.

ABSTRACT

This monograph addresses the issue of missionary church from its historical aspects and how this has an impact on the youth situation. The Church missionary in its own nature must have at the young, the agent and the receiver of your praxis evangelizing. To be successful in this goal, it must use of everything without fear of daring. In the current social and ecclesial situation in which the youth of Brazil found it is necessary to provide new spaces and methods so that evangelism can happen more effectively among youth.

Keywords: Church, Youth, Evangelization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
SD	Documento de Santo Domingo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	UMA IGREJA MISSIONÁRIA	11
2.1	A Missão na Igreja Primitiva	11
2.2	A Atividade Missionária até o Século XV.....	14
2.3	A Evangelização da América Latina.....	16
2.4	Século XX, um Novo Tempo para a Missão e para a Igreja....	18
2.5	A Missionariedade da Igreja no Magistério pós-conciliar.....	22
2.6	A Missionariedade da Igreja na América Latina.....	26
2.7	O Conceito de Missio Dei.....	29
3	A JUVENTUDE.....	31
3.1	Definição.....	31
3.2	Características.....	33
3.3	Realidade.....	34
3.4	Lugar Teológico.....	36
4	IGREJA E JUVENTUDE.....	38
4.1	A Opção Preferencial pelos Jovens.....	38
4.2	O Lugar dos Jovens na Igreja Hoje.....	39
4.3	Jovens Discípulos Missionários – Linhas de Ação.....	41
4.3.1	Criar o Centro para a Evangelização da Juventude (CEJ).....	43
4.3.1.1	Desenvolver o Ministério da Assessoria junto aos Jovens e seus Grupos.....	45
4.3.2	Formar Times de Evangelização.....	46
4.3.3	Criar uma Escola de Evangelização.....	50
5	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Essa monografia tem como objetivo abordar a missionariedade da Igreja enquanto sua vocação fundamental e a forma como essa verdade tem incidência na realidade juvenil.

Que a evangelização é fundamento do ser da Igreja pode-se perceber através da forma pela qual o Espírito Santo a tem guiado ao longo dos séculos. No capítulo dois será possível perceber que desde a prática de Jesus o anúncio do Reino não é algo restrito a grupos sociais, nações ou outro tipo de segmento da sociedade; a proclamação da Boa Notícia deve ser feita a fim de atingir a toda a humanidade.

Tendo aprendido do próprio Cristo, o missionário do Pai, que a mensagem de salvação deve ser proclamada sem hesitação, a Igreja primitiva assumiu a missão como o cerne de sua ação. Mesmo sendo minoria o incansável apostolado dos primeiros cristãos fez com que aos poucos a nova religião atingisse todo o Império Romano e o Norte da África. Ao se tornar a religião do Império, a Igreja passou a ter novos desafios, e em resposta a cada um deles o Espírito suscitou atividades próprias para cada época e local.

Na Idade Média, o surgimento de Ordens Religiosas de cunho missionário inaugurou um novo tempo na ação missionária da Igreja que a permitiu chegar de maneira mais organizada aos confins da terra; China, Índia, Japão e outros países do Oriente receberam inúmeros missionários das Ordens Mendicantes e Jesuítas. Com a descoberta do 'novo mundo' se deu mais um intenso período de propagação da fé, a América demandou grande esforço missionário da Igreja.

A partir do século XIX, congregações missionárias foram fundadas e colocadas a serviço do anúncio do evangelho. Aos poucos o Magistério eclesiástico também passou a se dedicar de forma mais explícita à realidade missionária, fato que culminou com a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, do Papa Paulo VI e da Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, do Papa João Paulo II. Aos poucos, a Igreja que vivia a evangelização passou a refletir sobre ela de forma mais sistemática e teológica.

Com uma maior reflexão a respeito da missão pode-se chegar ao conceito de *Missio Dei*, onde a missão é vista como ação do próprio Deus no

mundo, de modo que participar da ação missionária é tomar parte da missão de Deus em favor de seus filhos.

Não se pode ter a pretensão de pensar na incidência da vocação evangelizadora da Igreja junto aos jovens sem que antes se saiba o quê ou quem são os jovens. O que os define enquanto grupo social, quais as características que são observadas com frequência nessa porção da sociedade e que realidade os tem interpelado nesse início do terceiro milênio são imprescindíveis para que se possa pensar em sua presença dentro da dinâmica evangelizadora. Por isso, o capítulo três pretende lançar luzes sobre essa realidade.

A Igreja, Mãe e Mestra, se preocupa com a salvação de todos os seus filhos e tem tido especial atenção à realidade juvenil. No âmbito universal tanto o Papa Bento XVI quanto o seu predecessor, o Papa João Paulo II, sempre demonstraram especial atenção aos jovens, fazendo sempre questão de com eles estarem e a eles se dirigirem em seus discursos e viagens. A Igreja da América Latina repetidas vezes tem lançado luzes sobre a realidade do jovem e manifestado o compromisso de fazer uma opção preferencial, privilegiando-o assim como aos pobres.

Do olhar atento da Igreja aos jovens e do seu desejo de ajudá-los têm surgido intervenções especiais, como é o caso do documento da CNBB “Evangelização da Juventude, desafios e perspectivas pastorais”, que além de analisar a realidade na qual os jovens brasileiros se encontram também dá pistas de ação para melhor inseri-los na vida eclesial e acompanhá-los em sua vivência. Ter nos jovens não só os destinatários da ação evangelizadora, mas também seus sujeitos é a novidade que o documento da CNBB e as Conclusões de Aparecida trouxeram para a Igreja no Brasil. O jovem deve ser apóstolo entre os jovens e para isso deve receber todo o suporte da Igreja. A relação da Igreja com a juventude é o assunto do quarto capítulo, onde a partir do interesse em agir em favor e com os jovens e pela necessidade de pensar em como fazê-lo, apresenta pistas de ação para que a evangelização alcance aos jovens através do anúncio da Boa Nova de Jesus e para que sejam os próprios jovens os protagonistas dessa ação missionária entre os seus coetâneos.

2 UMA IGREJA MISSIONÁRIA

A Igreja é missionária em sua natureza. O mandato missionário de Jesus: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (cf. Mc 16,15), ecoa ao longo do tempo na história da Igreja tanto através do Magistério dos Santos Padres quanto do testemunho de inúmeros fiéis religiosos, clérigos e leigos, que durante os séculos têm se dedicado com ardor e heroísmo à atividade missionária.

A forma como a Igreja, desde sua fundação, tem vivido e entendido a missão é o assunto deste capítulo.

2.1 A Missão na Igreja Primitiva

No primeiro século a evangelização teve três momentos distintos: na década de 30 a prática de Jesus, nas décadas de 30 e 40 a prática evangelizadora dos apóstolos entre os judeus e nas décadas de 40 a 60 a evangelização dos pagãos.¹

No conjunto dos relatos evangélicos percebe-se que naquele contexto a missão acontecia de forma restrita, destinava-se apenas aos judeus, o próprio Jesus ressaltou ter sido enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel. O episódio do encontro entre Jesus e a mulher Cananéia ilustra bem sua prioridade (cf. Mt 15,24). Aos seus discípulos enviou inicialmente para pregar percorrendo as aldeias (cf. Lc 9,6), posteriormente coube ao próprio Jesus alargar essa fronteira, propondo aos apóstolos serem Luz no Mundo (cf. Mt 5,13-14).

O fato de Jesus ter priorizado sua missão entre os judeus não significa de forma alguma que tenha deixado de lado os pagãos. Além do episódio com a Cananéia, há no evangelho o relato de Jesus com a Samaritana e a parábola do Bom Samaritano, que sugerem essa abertura salvífica também aos não judeus. Ele não excluía ninguém, pelo contrário, anunciava o tempo da graça para todos.

¹ COPPI, Paulo. **Igreja em missão: teologia e história da missão, animação missionária e nova evangelização**. São Paulo: Mundo e Missão, 2006, p. 32.

Após a ressurreição, Jesus tornou todos os povos destinatários da missão de levar o Evangelho (cf. Lc 24, 46-48; Jo 17,18). De maneira mais explícita o fez no dia de sua Ascensão: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!” (cf. Mc 16,15), “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (cf. Mt 28, 19). A missão tornou-se universal, tendo toda criatura, todas as nações como destinatárias.

Com o fim da vida pública de Jesus, teve fim o primeiro momento missionário cristão, em que através da prática do próprio Cristo, o missionário do Pai, pode-se perceber no que deveria consistir o anúncio a ser feito a todas as gentes.

Após a experiência de Pentecostes, a ausência de Jesus (em sua presença histórica) é uma novidade no contexto da missionariedade. Pela ação do Espírito começa a ser percebida na Igreja primitiva uma abertura dos apóstolos à atividade missionária além da realidade dos judeus. Essa abertura passa a ser visível a partir de alguns fatos concretos: a pregação de Pedro, quando diante dos judeus afirmou que a promessa era para eles e também para aqueles que estão longe, mas que o Senhor pode chamar (cf. At 2,14-41); do anúncio da Boa Nova feito por Felipe aos samaritanos e ao ministro da rainha da Etiópia - este foi o início de uma prática que se estenderia à Samaria e a toda a parte (cf. At 8,1.4); da conversão de Saulo que foi, sem dúvidas, um marco na história missionária da Igreja Primitiva. Paulo foi incansável no anúncio do Evangelho aos pagãos, dando à missão definitivamente um caráter universal e iniciando o terceiro momento missionário da Igreja primitiva, quando os pagãos se tornam destinatários do anúncio querigmático.

Este é um panorama geral sobre a missionariedade no NT, mas de acordo com cada autor sagrado podem ser notadas particularidades, afinal, eles manifestam diferentes formas de ver a realidade missionária na Igreja ainda nascente.

Mateus tinha como objetivo levar a comunidade cristã judaica, a quem seu relato se dirigia, a um comprometimento missionário dentro de seu ambiente. Lucas escreveu sua obra em dois volumes, apresentando assim a missão da Igreja

primitiva em unidade com a missão de Jesus. Paulo apresenta a realidade missionária a partir de seu apostolado itinerante e entre os gentios.²

O querigma é o conteúdo comum da pregação missionária da Igreja Primitiva. Anunciar que “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e, ao terceiro dia, foi ressuscitado, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas e, depois aos Doze” (cf. 1 Cor 15,35) é o cerne da mensagem que deve ser anunciada a todos os povos.

Partindo dessas realidades dos relatos neotestamentários, vê-se com clareza três paradigmas missionários diferentes:

Em Mateus³ a comunidade era convidada a participar da missão como forma de esperar a segunda vinda de Cristo. A missão era vista pela perspectiva da formação de novas comunidades verdadeiramente discípulas de Jesus e comprometidas com a continuidade de sua prática humanizadora e solidária.

Lucas escreveu tendo como público uma comunidade de origem gentílica e queria deixar claro que a missão de Jesus ia além da fronteira de Israel, embora achasse que o Evangelho devesse ser pregado em primeiro lugar aos judeus e só depois aos gentios. Nos escritos lucanos, o Espírito Santo é o protagonista de toda a ação missionária, de todo o agir dos apóstolos e da Igreja, o “catalisador, guia e inspirador”⁴ de toda a missão. No paradigma missionário de Lucas há novidade tanto no propor uma nova relação entre pobres e ricos, quanto em propor a paz como sinal da presença de Cristo, da Igreja em cada realidade. Para Lucas, o agir dos apóstolos e da Igreja é, por obra do Espírito, continuidade do agir de Cristo, e isto é a evangelização.

No paradigma paulino da missão⁵ encontram-se peculiaridades que fazem de seu pensamento algo original e complexo. O centro da mensagem de Paulo é o senhorio de Jesus sobre todas as realidades, isso dá a sua missão um caráter universal, pois em todos os lugares e sobre todas as realidades Cristo deve ser aceito e, para isso anunciado, como o Senhor, *Kyrios!*⁶ O batismo é apresentado

² BOSCH, David. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.** São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 80.

³ Ibid., p. 108-112.

⁴ Ibid., p. 148.

⁵ Ibid., p. 213-223.

⁶ MACKENZIE, John. **Dicionário bíblico.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 788. Verbete *Kyrios*: “O uso teológico do título é mais frequente em Paulo do que nas outras cartas do NT. [...] Deus exaltou Jesus porque se esvaziou a si mesmo e submeteu-se à morte da cruz. Por isso, é

como a forma de inserção dos membros num mesmo Corpo (cf. 1 Cor 12,13) e as fraquezas não são barreiras intransponíveis para a missão, mas oportunidades para que a graça de Deus opere mais eficazmente (cf. 2 Cor 12,10), ao apóstolo cabe a fidelidade e o reconhecimento de seus limites, pois Deus é quem realizará o necessário.

A Igreja primitiva pode testemunhar a expansão missionária em dois momentos: primeiro, o relatado em Atos dos Apóstolos e por Paulo, aconteceu em Jerusalém, aproveitando-se do grande público de judeus que para lá se dirigia por ocasião das festas judaicas; acredita-se que alguns desses ao voltar para suas casas o fizeram já tendo recebido o batismo. O segundo se deu após o martírio de Estevão, quando os cristãos se viram diante da necessidade de deixar Jerusalém por causa do clima de hostilidade que ali se estabeleceu contra eles. Com esse êxodo a Boa Nova pode chegar à Samaria e Síria, partindo daí para toda região oriental do Mediterrâneo.⁷

2.2 A Atividade Missionária até o Século XV

Nos primeiros séculos da história da Igreja a evangelização se dava de forma intensa, aconteciam muitas conversões, povos inteiros aderiam à fé cristã.

Neste tempo ainda não havia uma tradição missionária forte, nem tão pouco reflexões teológicas sobre o tema. Os missionários deste período eram caracterizados por seu zelo apostólico e espírito de sacrifício.

Nos séculos II e III se deu a evangelização do Império Romano. A empreitada missionária dos primeiros cristãos teve início em Antioquia, se estendeu à Grécia, teve Alexandria como importante base e posteriormente chegou a Roma⁸.

Os idiomas falados entre os pagãos tanto do oriente (aramaico) quanto do ocidente (*koiné*) favoreceram para que o cristianismo ainda nos primeiros séculos se estendesse pelo Império Romano e norte da África.⁹ Outros fatores que favoreceram

universalmente reconhecido como Senhor. A exaltação no versículo identifica-se com a ressurreição. A missão dos apóstolos é a de anunciar que Cristo Jesus é o Senhor (2Cor 4,5)".

⁷ FLORISTAN, Casiano. **Para compreender La evangelizacion**. Pamplona: Verbo Divino, 1993, p.13.

⁸ Ibid., p.14.

⁹ FLORISTÁN, loc. cit.

a expansão da religião cristã no Império Romano foram: o anseio pela verdade, pela liberdade, a mensagem de fraternidade que transmitia, o testemunho nas situações de perseguição e a abordagem quanto à vida após a morte.¹⁰ O fato de a religião oficial proclamar César como senhor e dos cristãos proclamarem Jesus como Senhor foi motivo de choque entre o cristianismo e a religião oficial.

Os convertidos, tendo renunciado seu passado, deviam se esforçar por levar uma vida de santidade. Toda a comunidade era comprometida com a missão. Todos, nas situações cotidianas da vida, se empenhavam em dar testemunho da fé a que haviam aderido e, nos casos de fuga por ocasião das perseguições, levavam consigo sua fé ao local para o qual se dirigissem.

Uma realidade importantíssima nos primeiros séculos foi o catecumenato. Os adultos convertidos eram submetidos a este programa de inserção e aprofundamento na fé e vida da comunidade que durava cerca de três anos e era composto por quatro partes: a missionária, com o objetivo de despertar a fé, a conversão dos pagãos; a catecumenal com sua finalidade formativa; a quaresmal que durante algumas semanas preparava para o recebimento do batismo e eucaristia; e por fim, a mistagógica, quando, na Oitava da Páscoa, eram realizadas catequeses de cunho sacramental.¹¹

O catecumenato pode ser tido como consequência primeira de uma Igreja que se assume missionária no mundo. Nessa época a Igreja se fazia presente e missionária através de pregadores itinerantes ou através daqueles que assumiam sua condição batismal, sendo luz em seus ambientes cotidianos de convivência.¹²

No início do século IV foi promulgado o Edito de Milão que permitia a existência do cristianismo enquanto religião dentro do império. Em 360, outro avanço significativo, Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do Império. A evangelização deixava de ser algo estritamente pessoal e se tornava algo social, comunitário, as conversões se davam em massa, mas o crescimento qualitativo não foi compatível com o quantitativo. Com o batismo das grandes massas, a experiência catecumenal foi perdendo seu vigor.¹³

Entre os séculos IV e VII a Igreja contou com o incansável apostolado de alguns homens que fizeram a diferença na evangelização: São Patrício (337-461)

¹⁰ FLORISTÁN, 1993, p 15.

¹¹ Ibid., p.18.

¹² Ibid.

¹³ Ibid., p. 20.

realizou grandes empreendimentos missionários, sobretudo em terras irlandesas; São Bento (480-547) e os monges beneditinos tiveram importância ímpar na construção da Europa cristã; São Gregório Magno (540-604) foi Papa e grande incentivador das missões, com sua visão aprimorada sobre as realidades históricas de cada povo soube dispor de tudo em favor da evangelização.¹⁴

Já na Idade Média, sobretudo a partir do pontificado de Inocêncio III (1198-1216), a Igreja que estava passando por um período de crise em sua vivência espiritual e pastoral, além de um tempo de decadência na vida religiosa, teve suscitado em seu interior iniciativas de “reforma” que lhe possibilitaram uma renovação interna também na sua dimensão apostólica.¹⁵

A iniciativa mais significativa nesse contexto foi a fundação das ordens mendicantes, em especial, franciscanos e dominicanos, que tinham como uma de suas características principais a pregação do evangelho e da doutrina católica. Eles não se limitaram a pregar apenas nos grandes centros do cristianismo europeu, mas lançaram-se destemidamente na missão entre os muçulmanos e em terras distantes, Egito, Arábia e China foram rincões alcançados pelo anúncio da Boa Nova feito pelos mendicantes. Mesmo com as dificuldades de cultura e língua, os frades pregadores tiveram êxito em suas iniciativas missionárias, seu notável apostolado os coloca entre os missionários mais ousados da história da Igreja, tendo também o mérito de por sua atividade terem redespertado a consciência missionária dos cristãos da Europa.¹⁶

2.3 A Evangelização da América Latina e Oriente

No fim do século XV, especificamente em 1492, os conquistadores europeus espanhóis e portugueses, chegaram à América Latina levando consigo missionários, principalmente franciscanos e agostinianos. Era o início da conquista e evangelização do “Novo mundo”.

¹⁴ COPPI, 2006, p. 36

¹⁵ KNOWLES, David. e OBOLENSKY, Dimitri. **Nova História da Igreja: A Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 1994, 2 v, p. 365.

¹⁶ Ibid., p. 365-371.

Se, por um lado a presença de missionários desde o início pode ser uma presença positiva, neste caso, a relação entre conquistadores e missionários proporcionou dificuldade na aceitação da mensagem cristã por parte do povo, porque os mesmos que tomavam suas terras e sacrificavam pessoas eram aqueles que tinham apresentado a avalizavam a ação missionária.¹⁷

O pensamento missionário no século XVI era centrado na questão da salvação da alma e bem estar espiritual de cada pessoa, isso estava em contraposição com o pensamento das religiões indígenas que davam mais valor à manutenção da ordem do meio ambiente e de sua comunidade.¹⁸

Na evangelização da América Latina havia muitos limites impostos pelo governo real, mas mesmo assim, missionários incansáveis empenharam suas vidas na ação evangelizadora, anunciando o Reino e denunciando as injustiças. Antonio de Montesinos, Bartolomeu de las Casas, José de Anchieta, Pedro Claver e Antonio Vieira foram de grande importância em todo o contexto religioso latino americano do século XVI e XVII, os jesuítas com o método das “*reduções*” e o empenho missionário de alguns bispos fizeram muita diferença em todo o contexto religioso-missionário experimentado no Novo Continente.¹⁹

A obra evangelizadora, inspirada pelo Espírito Santo, que no começo teve como generosos protagonistas, sobretudo membros de ordens religiosas, foi uma obra conjunta de todo o povo de Deus, dos bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e fiéis leigos.²⁰

Infelizmente nem toda iniciativa missionária foi evangélica no que diz respeito a seus métodos e objetivos; alguns pregadores pareciam trabalhar mais pela nacionalização (espanhola e portuguesa) do que pela evangelização. Outro erro grave da mentalidade da época era enxergar os índios como escravos.²¹

A evangelização na América Latina aconteceu em duas etapas na América espanhola e em quatro na América portuguesa (Brasil). Na América espanhola a atividade missionária teve início nas Antilhas (1493-1522), tendo se estendido até Santo Domingo, Porto Rico, Cuba, Venezuela, Colômbia e Panamá no

¹⁷ COPPI, 2006, p. 37

¹⁸ FLORISTÁN, 1993, p. 26.

¹⁹ COPPI, op. cit., p. 41-42.

²⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Santo Domingo**: conclusões. 7. ed. São Paulo: Loyola; 1992. SD 19.

²¹ COPPI, op. cit., p. 27.

início do século XVI. Sua segunda etapa envolveu o México e a região peruana.²² No Brasil, os quatro ciclos missionários foram: litorâneo, do Rio São Francisco (sertão), maranhense e mineiro. Eles aconteceram de acordo com os momentos da colonização portuguesa no Brasil.²³

A partir do século XVI, missionários passaram a atuar também no Oriente, e eram desafiados por novas culturas e religiões. Tinham que propor o cristianismo diante de religiões como o budismo, confucionismo e hinduísmo e defender o cristianismo diante dos avanços, sobretudo dos muçulmanos. Teve grande importância na missão católica no Oriente o missionário jesuíta São Francisco Xavier (1506-1552).

As Ordens mendicantes e os jesuítas tinham metodologias diferentes, um prezava por manter tudo conforme a prática romana, outro recorria mais à inculturação para levar o Evangelho. Os dois métodos tinham fragilidades e os dois deram resultado na ação evangelizadora no Oriente.

Neste período os Papas Paulo III (1534-1549) e São Pio V (1566-1572) tiveram grande destaque, sobretudo na defesa dos índios e de sua participação na religião cristã católica. Em 1622 o Papa Gregório XV fundou a Congregação para a Propagação da fé, hoje chamada de Congregação para a evangelização dos povos, com o intuito de organizar as missões católicas de forma mais independente do padroado e mais em comunhão com Roma.²⁴

2.4 Século XX, um Novo Tempo para a Missão e para a Igreja

Do final do século XVIII até o início do século XIX houve na Igreja uma diminuição no empenho missionário que havia sido intenso durante as grandes navegações. Os prováveis motivos para esse esfriamento na atividade missionária podem ser encontrados nas dificuldades existentes nas relações entre o sistema de padroado e as diretrizes da Congregação para a propagação da fé e por dificuldades ao interno da Igreja, como por exemplo, a supressão da Companhia de Jesus,

²² FLORISTÁN, 1993, p. 27.

²³ HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil** ensaio e interpretação a partir do povo. Vol 1. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 42-44.

²⁴ COPPI, 2006, p. 43.

quando mais de 3000 missionários tiveram que deixar suas terras de missão; a falta de uma metodologia sistematizada; a Revolução Francesa²⁵; e, certamente a divisão da Igreja a partir da Reforma Protestante quando passaram a existir conflitos entre missionários católicos e protestantes.²⁶

Durante o Pontificado de Gregório XVI (1831-1846) e a partir dele, houve uma retomada na práxis missionária da Igreja e a intervenção papal proporcionou ótimos resultados como a centralização das missões em Roma, um entendimento da missão tendo o fim em si mesma e não na difusão de culturas; e o surgimento de novos institutos missionários, tanto masculinos quanto femininos como o Pontifício Instituto das Missões Exteriores –PIME (1850), os Combonianos (1867), os Xaverianos (1895) e muitos outros.²⁷

Os leigos passaram a ter grande empenho em atividades missionárias e a Santa Sé reconheceu como Pontifícias quatro de suas Obras Missionárias: Propagação da Fé (1822), Infância Missionária (1843), São Pedro Apóstolo (1889) e a União Missionária do Clero e Religiosos (1916).

Um novo conceito de missionariedade passou a ser desenvolvido caracterizando o período entre as duas Guerras Mundiais como o período de ouro da missão, que passou a ser tida e estudada como uma ciência a partir de 1806 pelos protestantes e de 1911 pelos católicos.²⁸ Entre os que viam a missão de forma independente do nacionalismo e do colonialismo a realidade missionária passou a ser vista a partir da generosidade de Deus e do mandato confiado por Jesus. A Igreja toda passava a ser vista como agente da missão, eram as primeiras formulações do que mais tarde seria solenemente afirmado pelo Concílio Vaticano II no Decreto *Ad gentes*²⁹ e pelo Papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, que diz que a Igreja toda tem a evangelização como “graça e vocação própria”, a sua “mais profunda identidade”³⁰ e isso independe da vocação específica de cada um de seus membros.

Um maior empenho da Santa Sé nas questões missionárias favorecendo seu renascimento pode ser percebido pelos documentos pontifícios apresentados

²⁵ COPPI, 2006, p. 45

²⁶ FLORISTÁN, 1993, p.34.

²⁷ COPPI, op. cit., p. 46-47

²⁸ FLORISTÁN, op. cit., p.34.

²⁹ Ibid., p.39.

³⁰ PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**: A Evangelização no mundo contemporâneo. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. EN 14.

por Leão XIII (*Catholicae ecclesiae*, em 1890), Bento XV (*Maximum illud*, em 1919), Pio XI (*Rerum ecclesiae*, em 1926), Pio XII (*Evangelii preces*, em 1951 e *Fidei donum*, em 1957) e João XXIII (*Princeps pastorum*, em 1961).³¹

Entre as décadas de 20 e 40 do século XX (início da Segunda Guerra Mundial e seu desenvolvimento), no interno da Igreja houve o desenvolvimento de vários movimentos de renovação, em geral propondo um retorno às fontes. As áreas de reflexão nas quais a renovação era almejada eram, sobretudo bíblica, litúrgica, ecumênica, eclesial, entre outras.³² Esses movimentos de renovação tiveram seu ápice, sua maior possibilidade de edificar a Igreja através de suas intuições com a convocação do Concílio Vaticano II.

A convocação do Concílio feita pelo Papa João XXIII em 1959 causou surpresa geral. Não fazia nem três meses que havia acontecido a eleição papal e João XXIII que, em princípio, tinha sido eleito pra conduzir a Igreja a uma tranquila transição, resolveu convocar um concílio. A notícia desta convocação teve grande repercussão não só dentro da Igreja.³³

Na mesma época, iniciativas espontâneas foram surgindo, encontros, estudos, reflexões nos diversos níveis eclesiais. Eles davam mais dinamismo ao momento que a Igreja vivia e tinham grande capacidade de mobilização, mas infelizmente, esse movimento espontâneo não foi bem aproveitado.³⁴

Os bispos e os missionários esperavam que o Concílio apresentasse uma teologia da missão, uma maior unidade eclesial das missões e orientações pastorais básicas.³⁵

O Concílio Vaticano II abriu a Igreja para um novo tempo de preocupação com a realidade missionária e deu suporte teológico e eclesial importantíssimo para os conceitos de missão, evangelização e pastoral.³⁶

“Segundo o Concílio, evangelizar é anunciar a ‘mensagem de Cristo pelo testemunho de vida e pela palavra’ (LG 35,2) ‘aos não crentes para os conduzir à fé’ e aos fiéis ‘para os instruir, confirmar e estimular a uma vida mais fervorosa’ (AA

³¹ COPPI, 2006, p. 48.

³² FLORISTÁN, 1993, p.36.

³³ ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. 2. ed. São Paulo: Paulus. 1997. p. 394-395.

³⁴ Ibid., p. 398.

³⁵ FLORISTÁN, op. cit., p. 38.

³⁶ Ibid., p. 33.

6,3), com o objetivo de cooperar com a ‘dilatação e para o incremento do reino de Cristo no mundo’ (LG 35,4)”.³⁷

O Decreto conciliar *Ad Gentes* é a manifestação oficial do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja. Está organizado em seis capítulos que trazem “critérios para uma radical renovação do espírito e da ação missionária da Igreja inteira”.³⁸

Os dados que foram apresentados para as comissões antes da redação do documento foram: a variação dos problemas de acordo com cada continente; o desenvolvimento da realidade missionária; a situação de muitos povos que estavam buscando independência, libertação; o dinamismo de religiões tradicionais e de novos sincretismos; as dificuldades em ter presença no mundo mulçumano e no mundo comunista; as necessidades de um novo perfil missionário mais servo do que senhor.³⁹

A partir destas necessidades, as exigências dos padres conciliares diante da redação do Decreto passavam por alguns pontos específicos que julgavam ser de oportuna abordagem: a inculturação, a supressão de um colonialismo religioso, diálogo inter-religioso, maior valorização da vocação *Ad Gentes* e da participação dos leigos enquanto protagonistas da missão.⁴⁰

Após sessões acaloradas, o decreto conciliar sobre a atividade missionária da Igreja foi aprovado e nele estão presentes pelo menos quatro afirmações centrais: A teologia da missão é trinitária e cristológica; A Igreja é missionária; A Igreja tem necessidade de levar o Evangelho; A ação missionária é fruto do testemunho, do diálogo e do compromisso.⁴¹

Nenhuma definição de missão ficou estabelecida pelo Decreto a fim de não chocar nenhuma das diversas opiniões existentes, ele apenas expõe de forma geral a missão enquanto fruto do mandato missionário de Jesus, anúncio da Boa Nova e implantação da Igreja. No corpo do texto há a diferenciação entre “missão” e “missões”, a primeira se refere à missão da Igreja e a segunda à atividade missionária desenvolvida pela Igreja.⁴²

³⁷ FLORISTÁN, 1993, p. 33. Tradução da autora.

³⁸ ALBERIGO, 1997, p.439.

³⁹ COPPI, 2006, p. 51.

⁴⁰ Ibid., p. 52

⁴¹ FLORISTÁN, op. cit., p. 39.

⁴² FLORISTÁN, loc. cit.

2.5 A Missionariedade da Igreja no Magistério pós-conciliar

Após o encerramento do Concílio Vaticano II, já sob o pontificado de Paulo VI, muita coisa mudou ao interno da Igreja e na sua relação com o mundo, logicamente todas essas mudanças incidiriam também na reflexão e ação missionária que desempenhava.

O encerramento do Concílio levou a missão a um desenvolvimento a partir:

- de uma nova forma de vida eclesial;
- de novas situações sociais e políticas nas missões;
- do novo conceito de salvação em relação às expressões religiosas não cristãs;
- das igrejas jovens, cada vez mais autônomas, vivas, ricas de entusiasmo e de pessoal próprio;
- da nova mentalidade e do novo relacionamento entre igrejas antigas e novas: respeito, valorização, serviço, ajuda mútua...;
- dos novos tipos de presença missionária: sacerdotes diocesanos, leigos missionários, Igrejas-irmãs...;
- da preocupação de por a Igreja toda em estado de missão, através da corresponsabilidade, valorização dos carismas, pastoral missionária, valorização do leigo...;
- da convicção de que a missão renova a Igreja e que a fé cresce comunicando-a.⁴³

Em 1967, uma mudança concreta, o nome da Congregação para a Propagação da Fé passou a ser Congregação para a Evangelização dos Povos. Nos anos seguintes diversas conferências episcopais locais começaram a refletir sobre a evangelização, foi o caso do episcopado latino-americano⁴⁴ que se reuniu em Medellín em 1968, do asiático em Bangkok (1973), do africano em Kampala (1969) e em Lusaka (1974).⁴⁵

Com esse maior empenho da Igreja em refletir o tema, aos pouco foi se tornando evidente que os documentos conciliares *Ad Gentes* e a *Gaudium et spes* tinham algumas deficiências, era necessário conjugar a missão da Igreja e sua vocação missionária com sua ação no mundo contemporâneo.

Em 1974 o Sínodo dos Bispos refletiu sobre “a evangelização no mundo moderno” e teve grande participação dos bispos do Terceiro Mundo. No ano

⁴³ COPPI, 2006, p. 59.

⁴⁴ As Conferências do Episcopado Latino-americano serão abordadas posteriormente.

⁴⁵ FLORISTÁN, 1993, p. 40.

seguinte, o Papa Paulo VI publicou uma Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo.

A *Evangelii Nuntiandi* descreve elementos básicos da evangelização, reconhece a complexidade da ação missionária e apresenta alguns novos temas como a evangelização da cultura, a importância da religiosidade popular e o papel das comunidades de base.⁴⁶

Esta Exortação Apostólica traz em seu texto definições e afirmações muito claras e motivadoras quanto à realidade e à vocação missionária da Igreja como um todo e não só dos que se dedicam às missões e também a necessidade do mundo, dos povos, de que o evangelho seja anunciado por aqueles que já receberam seu anúncio.

Alguns trechos que merecem destaque são:

a) Quanto à natureza missionária da Igreja:

Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição.⁴⁷

b) Quanto à conversão pessoal que deve ocorrer a partir da ação evangelizadora: “Evangelizar [...] é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade [...] e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade⁴⁸” e “A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior”.⁴⁹

c) Quanto à importância do testemunho da vida: “E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho [...] (que) constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova”.⁵⁰

d) Quanto à necessidade de um anúncio explícito: “Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”.⁵¹

⁴⁶ FLORISTÁN, 1993, p. 41.

⁴⁷ EN 14.

⁴⁸ EN 18.

⁴⁹ EN 18.

⁵⁰ EN 21.

⁵¹ EN 22.

e) Quanto à centralidade do anúncio do Mistério Pascal: “A evangelização há de conter também sempre uma proclamação clara que em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus”.⁵²

f) Quanto à universalidade do direito de receber o anúncio, há um “apelo para não se deter o anúncio evangélico, delimitando-o a um setor da humanidade, ou a uma classe de homens, ou, ainda, a um só tipo de cultura”.⁵³

g) Quanto aos agentes da evangelização, reafirma o que o Concílio Vaticano II falou no Decreto *Ad Gentes*: “Toda a Igreja é missionária, a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus”.⁵⁴

h) Quanto à ação motivadora do Espírito Santo: “[...] o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente que impele para anunciar o Evangelho!”.⁵⁵

i) Quanto à necessidade da ação missionária na vida de cada evangelizador:

[...] os homens poderão salvar-se por outras vias, graças à misericórdia de Deus, se nós não lhes anunciarmos o Evangelho; mas nós, poderemos salvar-nos se, por negligência, por medo ou por vergonha – aquilo que São Paulo chamava exatamente “envergonhar-se do Evangelho” – ou por seguirmos ideias falsas, nos omitirmos de o anunciar?⁵⁶

Em 1990, celebrando quinze anos da *Evangelii Nuntiandi* e vinte e cinco do Decreto *Ad Gentes*, foi publicada pelo Papa João Paulo II a Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário.

A Encíclica está organizada em oito capítulos e trata de temas como: Jesus Cristo, o único salvador; O Reino de Deus; O Espírito Santo protagonista da missão; Os imensos horizontes da missão *Ad Gentes*; Os caminhos da missão; Os responsáveis e os agentes da pastoral missionária; A cooperação na atividade missionária e, A Espiritualidade Missionária. Nela, o Santo Padre aborda três situações de maneira mais específica: a atividade missionária *Ad Gentes*; a atenção

⁵² EN 27.

⁵³ EN 50.

⁵⁴ EN 59.

⁵⁵ EN 75.

⁵⁶ EN 80.

pastoral aos fiéis e missões de onde se tem um grande fervor de fé e vida; e a Nova Evangelização.⁵⁷

Ao longo do documento é possível perceber o ardor missionário de João Paulo II com o qual ele quer inflamar toda a Igreja. Logo na introdução isso já fica bastante claro ao apresentar afirmações como: “O impulso missionário pertence, pois, à natureza íntima da vida cristã”,⁵⁸ “[...] a missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais”,⁵⁹ “a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações”,⁶⁰ e, por fim, a introdução traz esta grande chamada de consciência quanto à missionariedade dos fiéis:

Sinto chegado o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão *Ad Gentes*. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja pode esquivar-se deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos.⁶¹

No contexto atual de relativismo, vale ainda destacar, o que o Romano Pontífice fala quanto à evangelização de não cristãos: “Esquece-se, porém, que toda a pessoa tem o direito de ouvir a ‘Boa-Nova’ de Deus que se revela e se dá em Cristo, para realizar, em plenitude, sua própria vocação ”.⁶²

A missiologia moderna teve seu ponto culminante na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* e na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, nelas são encontradas uma eclesiologia da Igreja como Povo de Deus, peregrina, missionária, em diálogo com o mundo e outras religiões, rumo à consumação dos tempos.⁶³

O Papa João Paulo II, no ano de 1995, fez ecoar ainda mais a voz que conclama a Igreja a ser fiel a sua vocação evangelizadora ao insistir no tema através de uma série de catequese semanais sobre este assunto.⁶⁴

Desde o final do Concílio Vaticano II a Igreja tem crescido na sua consciência quanto à sua identidade mais profunda, a missão e, nesse sentido tem

⁵⁷ FLORISTÁN, 1993, p. 42.

⁵⁸ JOÃO PAULO II, **Redemptoris Missio**: A validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991. RM 1.

⁵⁹ RM 2.

⁶⁰ RM 2.

⁶¹ RM 3.

⁶² RM 46.

⁶³ COPPI, 2006, p. 59.

⁶⁴ Cf. JOÃO PAULO II. **Audiências**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1995/index_po.htm>. Acesso em: 23 mar. 2012.

refletido e agido sempre mais, tanto nas realidades partindo de Roma, quanto das Igrejas locais.

2.6 A Missionariedade da Igreja na América Latina

O mesmo Espírito que conduz a Igreja em sua universalidade, a conduz também em suas realidades particulares. Nos últimos cinquenta anos o mundo passou por diversas transformações e avanços, com a Igreja, que está inserida no mundo, não foi diferente.

O Concílio Vaticano II foi o marco desse tempo de mudanças, a Igreja teve a coragem de olhar para as realidades que envolviam o homem moderno e olhar para si própria, interpelando-se sobre o que deveria ser mudado na sua autocompreensão e ação para que respondesse melhor aos anseios e necessidades do mundo do qual faz parte.

Em paralelo a tudo isso que se deu em Roma, o Espírito também suscitou nas Igrejas particulares oportunidade de reflexão, desejo de mudança e de oferecer respostas melhores às necessidades e apelos da sociedade local.

Uma intervenção providencial do Espírito para a Igreja da América Latina pode ser percebida com o surgimento do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em 1955, como consequência do pedido que os bispos fizeram para o Santo Padre, o Papa Paulo VI, ao final da Conferência do Rio de Janeiro, ocorrida no mesmo ano.⁶⁵

A Conferência do Rio de Janeiro foi o marco inicial de uma maior articulação da Igreja local da América Latina e embora sua preocupação central estivesse na problemática das vocações, a temática da missionariedade, da necessidade do anúncio de Jesus aos povos também se fez presente, sobretudo a partir do reconhecimento da vocação apostólica do próprio continente.⁶⁶

⁶⁵ SILVEIRA, Igor. **A índole missionária da Igreja na perspectiva da Conferência de Aparecida**. 54f. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2008.

⁶⁶ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento conclusivo da conferência do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.celam.org/conferencias/Documento_Conclusivo_Rio.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2012.

Em 1968, aconteceu a segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, em Medellín, com o tema “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Seu documento conclusivo está dividido em três capítulos, onde acontece uma releitura do Vaticano II a partir da realidade latino-americana.

Na consciência missionária, Medellín revela uma lacuna pela ausência do tema missão, segundo o Decreto *Ad Gentes*, e a vocação missionária universal da Igreja. Enquanto reconhece a urgência da evangelização integral dos povos latino-americanos, em sua diversidade cultural, a Conferência não viu claro que esta dinâmica missionária implica e exige a dimensão específica e universal.⁶⁷

Apesar desta lacuna, a Conferência propôs uma “séria reevangelização das diversas áreas humanas do Continente”,⁶⁸ ela não se acomodou em reconhecer que há no povo latino uma experiência de fé.

A terceira Conferência do Episcopado Latino americano aconteceu em 1979, em Puebla e por ter tido como referência a *Evangelii Nuntiandi*, que havia sido publicada há poucos anos, teve um caráter explicitamente mais evangelizador, com o tema: “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. Em princípio, o Papa Paulo VI, autor da *Evangelii Nuntiandi*, teria participado da Conferência, mas esta previsão foi alterada por causa de sua morte. Após o breve pontificado de João Paulo I que assumiu a Sé Romana após o Papa Montini, a conferência em Puebla finalmente pode ocorrer em 1978, com a participação do Papa João Paulo II, que fazia sua primeira visita apostólica à América.

O documento conclusivo de Puebla foi organizado em cinco partes e desde seu início transborda missionariedade em suas palavras: “A evangelização é a missão própria da Igreja. A história da Igreja é, fundamentalmente, a história da evangelização de um povo que vive em constante gestação, nasce e se enxerta na existência secular das nações”.⁶⁹ Na quarta parte, o tema “Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina” está abordado ao longo de quatro capítulos, sendo que dois deles apresentam aquilo que determinaria uma nova forma de agir da Igreja local: a opção preferencial pelos pobres e a opção

⁶⁷ SILVEIRA, 2008, p. 10.

⁶⁸ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões de Medellín**. 5. ed. Petrópolis: Vozes; 1969. DM 6, 8a.

⁶⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Puebla**. 8. ed. São Paulo: Paulinas; 1987. DP 4.

preferencial pelos jovens, sendo a primeira muito mais refletida e vivida do que a segunda.

Santo Domingo, na República Dominicana, foi o cenário da quarta Conferência do Episcopado latino-americano, em 1992. Ao expor suas linhas pastorais prioritárias, logo de início, manifesta o desejo de intensificar uma “pastoral missionária”⁷⁰ em todas as suas Igrejas. Nessa quarta Conferência, um dos objetivos foi “traçar linhas fundamentais de um novo impulso evangelizador, que colocasse Cristo no coração e nos lábios, na ação e na vida de todos os latino-americanos”.⁷¹

Nesta ocasião foi apresentado o termo “nova evangelização”, que “não significa que a anterior tenha sido inválida, infrutuosa ou de curta duração. Significa que hoje novos desafios, novas interpelações se fazem aos cristãos e aos quais é urgente responder”.⁷²

A V Conferência do Episcopado Latino Americano, se reuniu em Aparecida, no ano de 2007 e suas afirmações estão na direção do que foi falado no Concílio Vaticano II e na *Evangelii Nuntiandi*, que apresentam a Igreja como missionária em sua natureza,⁷³ tendo a missão como sua identidade mais profunda.⁷⁴ Aparecida assume isso e coloca a vivência desta realidade como algo prioritário:

Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências.⁷⁵

O específico de Aparecida é convocar a Igreja a viver em um estado permanente de missão.⁷⁶ Toda a Igreja é missionária e assim deve viver em todas as suas realidades, todos os fiéis, “em virtude de seu batismo, são chamados a ser

⁷⁰ SD 30.

⁷¹ JOÃO PAULO II, **Discurso inaugural da IV Conferência Geral do Episcopado Latino americano.** Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica_sp.html> Acessado em: 18 set, 2012;

⁷² SD 24.

⁷³ CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Vaticano II:** Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. São Paulo: Paulus, 2001. AG 2.

⁷⁴ EN 14.

⁷⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** 4. ed. São Paulo/Brasília: Paulus; Paulinas; CNBB, 2007. DAp 14.

⁷⁶ DAp, 551.

discípulos e missionários de Jesus Cristo”;⁷⁷ as paróquias devem se tornar missionárias,⁷⁸ lugar propício para a escuta da Palavra ser a fonte do discipulado missionário;⁷⁹ por fim, todo o Continente Americano deve ser colocado em estado permanente de missão,⁸⁰ deve passar por uma transformação.

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível que o “único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial” com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.⁸¹

Ainda é cedo para avaliar toda a caminhada evangelizadora da Igreja latino-americana, mas é certo que ela tem avançado, Conferência após Conferência, na sua autocompreensão e comprometimento missionário.

2.7 O Conceito de *Missio Dei*

Ao longo dos séculos a compreensão da missão teve muitas perspectivas, ela já foi compreendida como questão cultural, eclesial, em termos soteriológicos e de história de salvação.⁸²

Um conceito mais atual e consistente é o de ver a missão como *Missio Dei*, ou seja, como uma missão do próprio Deus.

Compreende-se a missão, desse modo, como um movimento de Deus em direção ao mundo [...] Participar da missão é participar do movimento do amor de Deus para com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia.⁸³

Nesta mesma direção, o Concílio Vaticano II, através do Decreto *Ad Gentes* afirma que “a atividade missionária não é outra coisa, nem mais nem menos,

⁷⁷ DAp 10.

⁷⁸ DAp 188.

⁷⁹ DAp 187.

⁸⁰ DAp 551.

⁸¹ DAp 370.

⁸² BOSCH, 2002, p. 466.

⁸³ Ibid., p. 468.

que a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na história, na qual, Deus, pela missão, atua manifestamente a história da salvação”.⁸⁴

A missão é primeiramente *Missio Dei*, mas pela pedagogia divina no desígnio salvífico universal de Deus se torna também missão de cada um; na medida em que se faz a experiência com Cristo, deve-se anunciá-la, testemunhá-la até os confins da terra.

Na perspectiva da *Missio Dei* há a manifestação de um mistério trinitário: Deus em suas diversas pessoas envia, é enviado e é o conteúdo do envio.⁸⁵

Como já foi dito, nem sempre a missão foi vista sob este prisma, mas atualmente essa é a maior tendência. Reconhecer-se ter sido criado à imagem e semelhança de um Deus que é missionário e enxergar a missionariedade no seio da Trindade deve despertar a cada um para a realidade de que o ser humano traz a missionariedade em seu DNA divino. O desejo de anunciar a Boa Nova, o perdão dos pecados, a libertação dos cativos e o amor misericordioso de Deus por cada pessoa devem impulsionar incessantemente a cada filho de Deus na direção do próximo para dar-lhe a conhecer a Boa Notícia.

A missão parte de Deus que se utiliza de cada um que se abre à graça, de cada situação oportuna para poder alcançar a todos.

⁸⁴AG 9.

⁸⁵ZWETSCH, Roberto. **O conceito de Missio Dei**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17043296/O-CONCEITO-MISSIO-DEI-MISSAO-DE-DEUS-Roberto-Zwetsch-2>> Acessado em 21 ago. 2012, p. 5.

3 A JUVENTUDE

A juventude pode ser definida como a fase da vida entre os 14 e os 25 anos.⁸⁶ Para compreendê-la na unidade do desenvolvimento da pessoa, é preciso analisá-la em conjunto com todas as mudanças que se dão na adolescência, já que esses dois períodos da vida juntos fazem a passagem da infância para a idade adulta.

3.1 Definição

Múltiplas são as definições de juventude e esta pode acontecer segundo alguns critérios: o biocronológico, pela idade; o psicológico, conforme os conflitos vão aparecendo (tempo das definições vocacionais); o sociológico, em que ela é vista como um grupo social (embora haja diversidade no seu interno: universitários, dependentes químicos, atletas...); e, por fim, o critério cultural-simbólico, que busca ver a juventude a partir de seu universo cultural.⁸⁷ Esta não é uma abordagem totalizante; pode haver outros critérios que ajudem a melhor compreender o que vem a ser a juventude.

Partindo desses critérios de definição, pode-se lançar o olhar no mais específico de cada um para buscar a compreensão do que vem a ser essa etapa tão importante da vida.

Num primeiro momento pode-se entender a juventude como a fase da vida em que certas mudanças começam a acontecer na pessoa a partir de seu corpo, que com o desenvolvimento hormonal e glandular vai transformando a criança em adulto através de um crescimento mais acelerado e da diferenciação sexual. Essas mudanças físicas atingem todo seu universo de relações (consigo

⁸⁶ Não há um padrão quanto a essa definição. A *Population Reference Bureau* em sua publicação *La juventud Del mundo 2000*, adota a concepção de que juventude é a fase que entre os 10 e os 24 anos de vida. A opção por defini-la ente 14 e 25 anos nesse trabalho foi adotada em conformidade com o pensamento do Padre Hilário Dick na obra "Gritos silenciados, mas evidentes - jovens construindo juventude na história".

⁸⁷ DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 15.

mesmo, com os outros e com o mundo). Na parte fisiológica o jovem está mais próximo dos adultos, mas no desenvolvimento do cérebro está mais próximo das crianças.⁸⁸

As alterações químicas no cérebro ocasionam uma série de consequências: dificuldade de fazer juízos, situações de emoções imaturas (ex: raiva), uma grande busca pelo prazer e propensão a agir impulsivamente.⁸⁹

Mudanças de ordem psíquica ocorrem simultaneamente às físicas. A pessoa passa por um tempo de muitos conflitos, quer ser independente como os adultos e para isso está disposto a romper com as tradições familiares e sociais a que se vê submetido. Mas, por outro lado, sente a necessidade de fazer parte de um grupo onde seja afirmado nas escolhas que fez. Para harmonizar isso em seu interior, o jovem passa por duas fases: a exploratória e a projetiva.⁹⁰

Na fase exploratória o jovem busca sua autodefinição, sua identidade, quer saber quem é. É um momento de desconforto e abrange todas as áreas de sua vida, a biológica, familiar, social e afetiva. Pela complexidade do momento, há o risco do jovem parar nesta fase por ter medo de assumir responsabilidades e compromissos. Faz a opção de experimentar coisas novas sem pensar nas consequências futuras que estas escolhas lhe trarão. É próprio dessa fase ser um momento de crise, fica cheia de tensão e emoções fortes; daí a instabilidade emocional e suas explosões. As emoções são o foco de sua busca por sentido da vida.⁹¹

A fase projetiva traz em si a possibilidade de modificações que corrigem os excessos da fase exploratória. Ela leva o jovem a pensar e trabalhar na construção de seu projeto pessoal de vida, a ter atitudes a partir de suas escolhas quanto ao futuro; costuma ser o momento das definições vocacionais e profissionais.

⁸⁸ LIBANIO, João. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004. p. 20.

⁸⁹ Ibid., p. 20-21.

⁹⁰ Ibid., p.22.

⁹¹ Ibid., p.22-23.

3.2 Características

Essa fase especial do desenvolvimento humano traz em si características muito próprias e em sua interioridade tem muita diversidade. Existem características comuns aos jovens, mas não se pode achar que há um só modelo de juventude. Sendo assim, um panorama geral deixará de lado peculiaridades de certos grupos, mas não cairá no reducionismo de apresentar a realidade juvenil a partir de um único prisma.

De maneira geral, observa-se que na prática a caracterização do que é juventude vai muito além da questão cronológica; é sobretudo uma forma de enfrentar a vida⁹². É o tempo em que a identidade pessoal e sua presença e atuação no mundo estão começando a ser definidas.⁹³

Enquanto membros da sociedade, os jovens mostram-se mais sensíveis aos problemas sociais e mais dispostos a empenhar a vida em suas soluções; são idealistas, acreditam e buscam construir um mundo melhor, daí os altos índices de participação juvenil nas ONGs, por exemplo.⁹⁴ É a fase da vida de maior desafio, em contrapartida é a fase de maior criatividade, energia, generosidade, espírito de aventura, daí serem os dinamizadores do corpo social.⁹⁵

Mas nem tudo na juventude são só virtudes e qualidades. Há alguns valores negativos que frequentemente se manifestam nesta parcela da população:

Em síntese: a juventude oferece inegavelmente um conjunto de valores, acompanhados, entretanto, de aspectos negativos. Mencionemos em primeiro lugar, uma tendência à personalização, consciência de si mesmo, criatividade, que por contraste os leva a rejeitar os valores da tradição. Possuem um idealismo excessivo que os leva a desconhecer realidades inegáveis que terão de ser aceitas, e adotam um inconformismo radical, cujas manifestações características ocorrem em quase todos os países que os impulsionam a pretender construir um mundo novo com negação absoluta do passado. Também é característica da juventude a espontaneidade que a leva a menosprezar nem sempre com razão as formas institucionais, as normas, a autoridade e o formalismo. Finalmente apresenta um conjunto de valores no plano da relação comunitária: certas formas de responsabilidade, desejo de autenticidade e de sinceridade, uma aceitação dos outros tais como são e um franco reconhecimento do caráter

⁹² DP 1167.

⁹³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude**: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB 85). Doc 85, 27.

⁹⁴ DAp 38-39.

⁹⁵ CNBB op. cit., 26 e DP 1168-1170.

pluralista da sociedade. Esta tendência comunitária, por sua vez, os faz correr o perigo de fecharem-se em pequenos grupos agressivos.⁹⁶

3.3 Realidade

A análise da realidade da juventude, objetivo aqui proposto, baseia-se no Documento da CNBB intitulado “Evangelização da juventude - desafios e perspectivas pastorais”.⁹⁷

A realidade social e cultural em que se vive exerce papel importante na formação e caracterização do fenômeno juvenil em cada época. A juventude brasileira em tempos de pós-modernidade tem características e desafios próprios que são facilmente perceptíveis quando comparados a outros momentos históricos.

Valores como: democracia, liberdade, justiça, igualdade e diálogo, continuam sendo bem presentes na atual juventude, mas a esses valores somam-se alguns elementos próprios da cultura pós-moderna como o subjetivismo, as novas expressões de vivência do sagrado e a centralidade das emoções.⁹⁸

No documento “Evangelização da juventude - desafios e perspectivas pastorais”, os bispos do Brasil optaram por fazer um aprofundamento quanto a esses novos elementos da cultura pós-moderna que tem grande incidência na realidade juvenil atual. Quanto ao subjetivismo eles alegaram “que gera, facilmente, a permissividade, o egoísmo, a identificação simples da felicidade com o prazer, a incompetência para lidar com a pluralidade de solicitações e ofertas”,⁹⁹ que alimenta uma “maior preocupação com as necessidades pessoais, com os sentimentos, com o próprio corpo, com a melhora da autoestima, com a confiança, com a libertação dos traumas” e ainda, que faz com que muitos jovens “tenham forte tendência de viver somente no presente, na cultura do descartável”.¹⁰⁰

No tocante às novas expressões do sagrado, afirma-se que há uma abertura ao transcendente, embora manifestado numa espiritualidade mais individual

⁹⁶ DM 6,9.

⁹⁷ Doc. 85, 10-39.

⁹⁸ Ibid., 13 e 15.

⁹⁹ Ibid., 16.

¹⁰⁰ Ibid., 16-17.

e sem tanta aceitação das religiões organizadas.¹⁰¹ Sobre a centralidade das emoções, diz-se que

Sua absolutização leva a um esvaziamento intelectual, do compromisso transformador e da consciência crítica, leva à superficialidade e à falta de perseverança, podendo facilmente conduzir ao fundamentalismo, que tem suas expressões dentro de todas as grandes religiões.¹⁰²

Há ainda outras realidades que se fazem presentes no cotidiano dos jovens neste início de terceiro milênio, por um lado uma grande diversidade econômica social: jovens preocupados com os estudos, com bons resultados em vestibulares, com a construção de uma carreira profissional de sucesso, em não perder as boas oportunidades que as famílias lhes oferecem. Por outro lado, há também, e são a maioria, jovens que precisam se ocupar com outros grandes desafios: trabalhar para ajudar no orçamento familiar, concluir o ensino médio sem muita perspectiva de alcançar o ensino superior, jovens que encontram dificuldades para entrar no mercado de trabalho por não possuir qualificação específica, nem tão pouco a experiência exigida.

No campo familiar, muitos são os jovens oriundos de famílias desestruturadas e que não tiveram uma educação integral; jovens que diante dos apelos da sociedade se sentem perdidos e não sabem como agir, quais critérios usar para tomar as decisões que precisam.

A formação moral insuficiente recebida por parte da família e as influências negativas da sociedade, seja ela através dos meios de comunicação social, do ambiente estudantil ou da vizinhança de onde residem, podem deformar a consciência dos jovens, sua religiosidade e senso comunitário; o relativismo, a indiferença religiosa e o subjetivismo crescem.

A experiência de estar numa sociedade individualista faz com que os jovens se sintam sozinhos, por muitas vezes ameaçados pelo novo que se abre ante seus olhos, já que estão em fase de transição para a vida adulta.

Não se pode ignorar o fato de que a realidade juvenil também é assolada por inúmeras situações de violência, pela dependência química e tudo o que dela decorre, pela banalização do sexo e suas consequências – como por exemplo as doenças sexualmente transmissíveis ou a gravidez indesejada.

¹⁰¹ Doc. 85, 19-21.

¹⁰² Ibid., 22.

Se por um lado a realidade dos jovens pode parecer desfavorável, pode-se notar neles capacidade de “se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência”.¹⁰³

3.4 Lugar Teológico

Se toda realidade que afeta o ser humano pode ser vista, à luz da Revelação, como um lugar teológico, não se pode prescindir de olhar também para a juventude buscando nela o elemento transcendente.

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar.¹⁰⁴

O Padre Hilário Dick em sua obra *Cartas a Neotéfilo* afirma que “A juventude é uma realidade teológica à espera de sua descoberta”.¹⁰⁵ Buscar descobrir o que Deus tem a revelar através dos jovens e de tudo o que cerca a sua realidade não é sacralizá-los ou atribuir-lhes infalibilidade, mas reconhecer que há neles manifestações do sagrado e que se pode fazer uma leitura teológica acerca das culturas juvenis.¹⁰⁶

“Na dinâmica da criação, cada pessoa é uma mensagem única e profunda de Deus para a história e para a humanidade. Assim, também o jovem é a voz de Deus e, por isso, precisa ser escutado”.¹⁰⁷ Numa sociedade tão barulhenta, reconhecer a voz de Deus que fala através dos jovens exige ouvidos atentos, exige que se busque “entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus”.¹⁰⁸

¹⁰³ DAp 443.

¹⁰⁴ CNBB Doc. 85, 81.

¹⁰⁵ DICK, Hilário. **Cartas a Neotéfilo**: conversas sobre assessoria para grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005. p.42

¹⁰⁶ CNBB op. cit., 81.

¹⁰⁷ CNBB, **Campanha da Fraternidade 2013**: Texto base. Brasília: Edições CNBB, 2012. Texto base CF 2013,191.

¹⁰⁸ CNBB, loc. cit.

A partir do reconhecimento do fenômeno juvenil como um lugar teológico “inaugura-se uma nova perspectiva pastoral, capaz de absorver a autenticidade da mensagem de Deus que emana das diferentes expressões juvenis”.¹⁰⁹

¹⁰⁹CNBB, Texto base CF 2013,193.

4 IGREJA E JUVENTUDE

A juventude sempre esteve presente na vida da Igreja, mas nem sempre teve lugar de destaque no corpo eclesial. Essa realidade aos poucos está sendo transformada. Os Papas, as Conferências Episcopais e as Igrejas locais aos poucos têm se manifestado dando mais importância a esta parcela do Corpo de Cristo como se nota nas palavras dirigidas pelo Papa Bento XVI aos jovens do Brasil:

Vós, jovens, não sois apenas o futuro da Igreja e da humanidade, como uma espécie de fuga do presente. Pelo contrário: vós sois o presente jovem da Igreja e da humanidade. Sois seu rosto jovem. A Igreja precisa de vós, como jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada.¹¹⁰

4.1 A Opção Preferencial pelos Jovens

Em 1979 aconteceu em Puebla a III Conferência do Episcopado Latino Americano, onde de maneira explícita a Igreja fez uma opção preferencial pelos jovens:

A Igreja confia nos jovens. Eles são sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens, vistas à sua missão evangelizadora no Continente.¹¹¹

Na mesma Conferência também foi feita a opção preferencial pelos pobres. Dessa forma o episcopado deixava claro quais eram as suas prioridades de

¹¹⁰ BENTO XVI, **Discurso no encontro com os jovens**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil_po.html>. Acessado em 02 de out 2012.

¹¹¹ DP 1186.

ação pastoral. Mas “a opção preferencial pelos jovens, em grande parte, ficou nas boas intenções e não saiu do papel”.¹¹²

Algo que logo que foi estabelecido não se tornou realidade, dificilmente se tornaria depois de quase três décadas. Uma mudança era necessária, pois “este desafio, posto trinta anos atrás, não contava com a complexidade e com as radicais mudanças destas três últimas décadas”.¹¹³

Conscientes da necessidade dos tempos, os bispos reunidos na V Conferência do Episcopado Latino Americano reconheceram a necessidade de “renovar, em estreita união com a família, de maneira eficaz a opção preferencial pelos jovens”.¹¹⁴ Desde então alguns passos na direção de um novo tempo têm sido dados pela Igreja no Brasil como: a publicação do Documento 85 da CNBB, “Evangelificação da Juventude - desafios e perspectivas pastorais” (2007); a criação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude (2011); a definição da juventude como o tema da Campanha da Fraternidade 2013 (2011) e a escolha do Brasil para sediar a Jornada Mundial da Juventude em 2013 (2011).

4.2 O Lugar dos Jovens na Igreja Hoje

Com a maior dedicação da Igreja em refletir sobre sua relação com os jovens e sobre realidade juvenil de maneira geral, tem sido possível lançar luzes sobre que lugar o jovem ocupa na ação pastoral da Igreja.

Enquanto Secretário-geral da CNBB, Dom Odilo Scherer afirmou que “os jovens têm o direito de se encontrar com Jesus Cristo e de receber seu Evangelho”¹¹⁵ e que

¹¹² SCHERER, Odilo. **Evangelificação da juventude: a opção preferencial esquecida**. Disponível em:

<http://www.comshalom.org/formacao/evangelizacao/evangelizacao_da_juventude_assembleia_cnbb_2006.html> Acessado em 02 de out 2012.

¹¹³ AZEVEDO, Walmor. **Jovens, opção de todos**. Disponível em: <http://www.arquidiocesebh.org.br/site/artigoArcebispo.php?id_artigoArcebispo=322> Acessado em 21 de set 2011.

¹¹⁴ DAp 446 a.

¹¹⁵ SCHERER, op. cit.

A juventude é a fase da vida que merece a especial atenção das iniciativas missionárias; a preocupação com os jovens que frequentam a Igreja e o envolvimento deles em atividades da vida eclesial e social é coisa boa; mas isso não pode levar a descuidar da evangelização dos numerosos jovens batizados que vivem distantes da fé e da vida eclesial.¹¹⁶

É preciso que os jovens sejam o objeto da missão da Igreja, faz-se necessário priorizar o anúncio do Evangelho a essa parcela da sociedade, mas também é preciso que os jovens já evangelizados sejam sujeitos ativos no processo evangelizador, que se tornem evangelizadores, sobretudo de outros jovens, conforme as intuições da *Evangelii Nuntiandi* já indicavam há mais de três décadas: “[...] é necessário que os jovens bem formados na fé e na oração, se tornem cada vez mais os apóstolos da juventude”¹¹⁷ e como afirma o documento sobre juventude fruto da XLVI Assembleia Geral da CNBB:

Quando o jovem assimila o Evangelho como uma Boa notícia, ele quer partilhá-la com os outros. O discípulo se torna missionário. O jovem, como apóstolo de outros jovens, tem um poder de comunicação e de convencimento peculiar. O segredo para atingir os jovens que ainda não foram evangelizados é mobilizar os jovens que já aderiram a Jesus Cristo.¹¹⁸

O Beato João Paulo II dirigiu diretamente a palavra aos jovens os convocando para serem evangelizadores daqueles que pela idade lhes são mais próximos: “é preciso que vós, jovens, vos convertais em apóstolos dos vossos coetâneos”.¹¹⁹ Ter jovens cumprindo seu papel missionário na Igreja e no mundo vai além de simplesmente ter mão de obra para a evangelização de outros jovens, passa por um encontro pessoal com o Mestre que o chama “Vem e segue-me” (cf. Mt 19,21). Ao iniciar o processo de seguimento o jovem toma consciência de que estar com o Mestre é mais do que apenas desfrutar de sua presença, mas também pressupõe um discipulado a fim de torná-lo mais um missionário do Reino no mundo.

A evangelização é um chamado universal a todos os filhos da Igreja, mas pela própria natureza da idade, os jovens são impelidos a responderem-no de uma

¹¹⁶ SCHERER, 2006.

¹¹⁷ EN 72.

¹¹⁸ Doc. 85, 176.

¹¹⁹ JOÃO PAULO II. **Discurso na Vigília de oração com os jovens espanhóis**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2003/may/documents/hf_jp-ii_spe_20030503_youth-madrid_po.html>. Acessado em 04 de out 2012.

forma mais radical e apaixonada. Basta olhar nos Evangelhos e na história de vida dos santos como seguidas vezes jovens deixam tudo para imediatamente seguir Jesus. Em toda a história da Igreja essa realidade se repete, o jovem que tem um encontro pessoal com o Cristo, que dá um novo horizonte à vida,¹²⁰ não é mais a mesma pessoa, para ser realizado em sua vocação enquanto Igreja precisa ir ao encontro de seus irmãos.

4.3 Jovens Discípulos Missionários – Linhas de Ação

Para possibilitar que os jovens sejam discípulos missionários é preciso ter presente a realidade que eles vivem. O jovem tem desejo de responder com generosidade e radicalidade ao Chamado do Cristo para ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16), mas acaba esbarrando na dinâmica da vida hodierna que consome muito o seu tempo. Embora ele possa testemunhar a sua fé em suas atividades ordinárias, muito pouco ou nada sobra para a vivência comunitária, formação e momentos de anúncio explícito da Palavra. Essa dinâmica da vida muitas vezes prejudica, não só o desenvolvimento integral do jovem, mas também seu período de discernimento vocacional.

Alguns se sentem chamados desde a infância a uma entrega maior ao Reino e, para essa entrega, buscam dar os passos necessários através do acompanhamento vocacional que os encaminha seja para o seminário, convento ou instituição para onde sejam chamados e aí, estes jovens vão seguir o caminho ordinário de sua vocação, sob um carisma e regras comuns. Mas aqueles que chegam à juventude sem ter clareza de sua vocação específica muitas vezes não conseguem discerni-la da maneira como convém, já que a sociedade o pressiona a ser competitivo nos estudos e no mercado de trabalho e o jovem que tem medo de sobrar,¹²¹ não raras vezes, se deixa levar pelo curso “normal” da vida e acaba não ouvindo nem atendendo aquele que era o chamado de Deus. Ajudar esses jovens a

¹²⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010**. São Paulo: Paulinas, 2008. (Documentos da CNBB 87). Doc. 87, 61.

¹²¹ Doc. 85, 34.

descobrirem aquilo que é o essencial para a sua realização pessoal, seja na vocação leiga ou na sacerdotal e consagrada, é também missão da Igreja. Essa missão se realiza pela oração, orientação vocacional e principalmente proporcionando a estes jovens experimentar e conhecer mais íntima e sobriamente às realidades que os envolvem e interpelam.

Esse necessário processo de autoconhecimento pode ser potencialmente experimentado na vida comunitária, pois ao se abrir aos irmãos, o jovem se depara com sua própria interioridade e também com uma realidade exterior à sua e tem oportunidade de amadurecer humana e espiritualmente, já que é levado a se confrontar com o diferente. “A vida comunitária gera e alimenta atitudes de apoio mútuo, reconciliação, solidariedade e compromisso”.¹²² Pode-se concluir que a vida comunitária leva ao encontro do próximo, a uma espiritualidade missionária, que por sua vez “é um caminho orientado para a santidade”.¹²³

Quanto à Boa Nova anunciada, há nos jovens disposição por acolhê-la, pois “só Jesus é e será sempre a resposta aos grandes anseios, aos infinitos desejos, aos ideais mais elevados que fervilham no coração humano”¹²⁴ e o anúncio do Evangelho é o que pode saciar este anseio, sobretudo nesta fase da vida, onde há uma “busca contínua por uma expressão de fé que dê sentido às suas vidas”.¹²⁵

A respeito da necessidade de um anúncio explícito complementar ao testemunho de vida é necessário refletir sobre como o jovem o faria, “pois ainda o mais belo testemunho virá a demonstrar-se impotente com o andar do tempo, se ele não vier a ser esclarecido, justificado, aquilo que São Pedro chamava dar a razão da própria esperança (cf. I Pe 3,15), explicitado por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus”.¹²⁶ “O anúncio tem a prioridade permanente, na missão”¹²⁷ e está em um dos eixos que precisa ser reforçado em nossa Igreja.¹²⁸

¹²² Doc. 87, 150.

¹²³ RM 90.

¹²⁴ JOÃO PAULO II. **Discurso aos jovens em Cuiabá.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1991/october/documents/hf_jp-ii_spe_19911016_giovani_po.html> Acessado em 04 de out 2012.

¹²⁵ Doc. 85, 42.

¹²⁶ EN 22.

¹²⁷ RM 44.

¹²⁸ DAp 226a.

“A fé há de ser apresentada aos jovens como um encontro amoroso com Deus, que toma feições humanas na pessoa de Jesus Cristo”.¹²⁹

Dada a importância que o anúncio tem no processo de evangelização, ele não pode ocorrer sempre e somente pela boa vontade do anunciador; os jovens anunciadores precisam receber uma formação apropriada, para que cada vez mais sejam intrépidos pregadores da Palavra, fiéis no anúncio do Reino, com seus dons naturais e linguagem aprimorados, inspirados e em comunhão com a Sagrada Escritura, com a Sagrada Tradição e com o Magistério da Igreja. Os jovens precisam ser capacitados para assumir seu papel profético e não apenas “empurrados” para uma missão tão imprescindível na vida da Igreja.

Diante da complexidade das necessidades da evangelização da juventude, por quais caminhos seguir a fim de se alcançar um bom resultado?

4.3.1 Criar o Centro para a Evangelização da Juventude (CEJ)

O processo da evangelização acontece mediante algumas ações complementares. Para que haja a autêntica evangelização do indivíduo é preciso possibilitá-lo viver todo este processo.

O processo da evangelização¹³⁰ tem seis etapas: a renovação da cultura, impulsionada pela caridade; o testemunho de vida; o anúncio querigmático; a iniciação na fé e na vida cristã; a formação permanente, vivência sacramental e exercício da caridade; e a ação missionária.

Não se pode esperar que haja uma autêntica evangelização se falta alguma dessas etapas. O simples anúncio querigmático e a iniciação na fé cristã não são suficientes para se dizer que um jovem foi evangelizado. O processo da evangelização ainda não ocorreu plenamente na vida dele. Esse processo é dinâmico e constante. É ainda preciso proporcionar-lhe formação permanente, acolhê-lo na comunidade, apoiá-lo e acompanhá-lo na vivência missionária, para

¹²⁹ Doc. 85, 3.

¹³⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**, 47-49. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html> Acessado em 13 de set 2012.

que possa dar sequência na dinâmica evangelizadora, renovando a cultura em que se encontra, testemunhando com a vida a fé assumida, fazendo o anúncio querigmático a outros. Desta forma o processo da evangelização continua acontecendo na vida da Igreja.

Nas Igrejas Locais todo esse processo acontece, mas infelizmente só parcialmente, já que existem lacunas por ocorrerem ações desarticuladas. Muitos são os chamados “retiros de conversão” (anúncio querigmático), mas poucos são os que após receberem o primeiro anúncio nesses retiros têm a possibilidade de serem iniciados, de fato, na fé cristã e na formação permanente.

Por outro lado, em todas as paróquias há grupos de catequese (preparação e formação para algum dos sacramentos da iniciação) onde no início são apresentados ao catecúmeno os conteúdos formativos da fé católica, mas em muitos casos, os que aí se encontram ainda não receberam o anúncio querigmático e nem tão pouco fizeram sua experiência pessoal de encontro com Jesus Cristo.

Não dá pra dizer que em alguma dessas situações esteja acontecendo uma evangelização eficaz, porque parte(s) do processo tem sido suprimida(s).

Diante dessa realidade, buscando um melhor resultado do que tem sido atingido, é que pode ser oportuna a criação de um Centro para a Evangelização da Juventude (CEJ), lugar onde a ação de evangelização da juventude possa receber suporte em suas diversas etapas. É sabido que se as ações de evangelização acontecerem de forma estratégica e articulada elas terão maior êxito.

O CEJ seria o lugar para a articulação estratégica da ação de evangelização da juventude nas dioceses – mas também pode e deve ter presença nas paróquias através de centros paroquiais, atuando de maneira mais próxima e direta junto aos diversos grupos que trabalham com os jovens - uma complementação e apoio ao Setor Juventude. Em face às diversas expressões juvenis de Igreja, movimentos e espiritualidades, o CEJ teria como missão ser um grande potencializador das forças e agregador dos esforços sempre sob a visão e estratégia proposta pela Diocese, que terá a força de sua juventude aplicada de maneira sinérgica.

4.3.1.1 Desenvolver o Ministério da Assessoria junto aos Jovens e seus Grupos

“Enquanto em nossas dioceses não existirem assessores que se responsabilizem efetivamente por um consistente trabalho juvenil, os resultados estarão sempre aquém do desejado”.¹³¹

Praticamente não há assessores que tenham a disponibilidade de tempo integral durante a semana para fomentar a ação evangelizadora junto aos jovens. Cada vez mais se faz urgente dar prioridade e ousar nas formas para alcançar o jovem e manter a proximidade com ele. Muitos são os jovens que em algum momento da vida recebem o Anúncio, mas pouquíssimos são os que conseguem perseverar sozinhos ante os apelos do mundo e a dinâmica que a vida assume no período da juventude. O jovem precisa ter alguém que o acompanhe, incentive, esclareça e que confie nele. "No passado talvez bastaria rezar juntos; hoje, como existem tantos meios prejudiciais à juventude é necessário trabalhar juntos",¹³² "Não esqueçamos que os jovens erram mais pela vivacidade do que por malícia; como também por não estarem assistidos do que por maldade".¹³³ Na ótica de São João Bosco, Pai e Mestre da juventude, é indispensável a presença do assessor junto ao jovem.

O assessor que é uma “pessoa chamada por Deus para exercer o ministério a serviço dos jovens, assumindo esse ministério como opção pessoal, como envio de Igreja e como aceitação (busca reconhecimento) por parte dos jovens”¹³⁴, cuida para que a juventude seja o tempo de uma boa educação na fé. Deve ser uma pessoa com fé sólida, de oração, que sabe silenciar para ouvir a voz de Deus e também aos jovens. É um educador, que estando entre os jovens os orienta ao bem. Alguém que tem consciência, que vive e busca um processo de formação permanente.

Ele contribui de maneira indireta nos grupos. Deve atuar junto aos coordenadores proporcionando formação, subsídios e todo tipo de apoio para que

¹³¹ Doc. 85, 203.

¹³² A FÉ EXPLICADA. **Pensamentos de santos e beatos**. Disponível em: <<http://afeexplicada.wordpress.com/2011/11/24/pensamentos-de-santos-e-beatos>> Acessado em 28 ago 2012.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ DICK, 2005. p.22.

esses desenvolvam um bom trabalho em seus grupos. É oportuno que haja uma Equipe de Assessores, que favoreça a partilha de ideias, experiências e desafios, onde possa haver reflexão, avaliação e oração.¹³⁵

O êxito desta proposta passa pela capacitação de seus agentes. Mesmo quando há uma decidida opção pelo ministério da assessoria, a falta de tempo é um fator crucial que muitas vezes impede o bom desenvolvimento das atividades evangelizadoras. Atualmente os agentes são formados e capacitados por outros agentes, que raramente tiveram oportunidade de se especializar na sua área de atuação, devido às restrições de tempo, pois geralmente são voluntários com todas as demandas da sua vida secular. A formação costuma ser feita também por padres ou religiosos que raramente detêm uma especialização na Pastoral Juvenil e ainda, quando a possuem, raramente têm tempo para acompanhar de maneira mais próxima todas as lideranças juvenis das dioceses e seus respectivos grupos.

A criação de uma estrutura física serviria de base e ponto de referência para a formação destes agentes, bem como para a multiplicação do conhecimento adquirido para as regiões pastorais. A existência de uma ação estruturada torna possível proporcionar de maneira sistematizada a formação de líderes, assessores e da juventude em geral.

4.3.2 Formar Times de Evangelização.

A formação de Times (equipes) de Evangelização é uma ação que pode desencadear uma série de outras ações evangelizadoras, pois através de seu dinamismo e versatilidade capacita os jovens a assumirem o protagonismo que lhes cabe na missão da Igreja.

Em outras partes do mundo como Europa, América do Norte, África e Oceania, entre cristãos católicos e cristãos de outras denominações, um modelo de evangelização tem sido utilizado com êxito há pelo menos 25 anos. Atuantes sob inúmeras configurações, estes Times de Evangelização têm em comum o fato de que jovens leigos se voluntariam para um período de treinamento em determinada

¹³⁵ Benedito SPINOSA. **O assessor e o coordenador na AJS**: papel e perfil. Palestra no Curso de Assessores, em São Paulo, SP, no dia 22 de março de 2009.

organização/igreja que os capacita a anunciarem o Evangelho de Jesus Cristo, usando a melhor linguagem e os melhores meios. Estes times são predominantemente utilizados para evangelização de jovens. Uma vez treinados, são enviados por sua igreja a serem missionários em meio a outros jovens. A ação dos times se caracteriza também por uma ação bem planejada e coordenada entre os membros, que além do seu compromisso cristão de darem testemunho, têm uma noção clara de 'como' fazê-lo e cumprirem assim seu papel. A missão evangelizadora da Igreja é muito menos abstrata para estes Times de Evangelização que tendo como prioridade de seu tempo e de seus esforços a atividade missionária naturalmente aprimoram seus dons e habilidades em tal tarefa.

A pressão sofrida pelos jovens do Brasil em função do ritmo de vida atual pode ser sufocante e um verdadeiro obstáculo à dedicação deste jovem ao apostolado. É importante que se reconheça que a vivência desta tensão entre o desejo de fazer mais e melhor pelo Reino enquanto também se atende às demandas da vida secular, é um caminho de santificação, porquanto este jovem é chamado a viver o seu papel de 'fermento na massa' onde estiver.

No entanto, o jovem leigo que se sente chamado a evangelizar de maneira mais específica, frequentemente enfrentará a falta de tempo para maior aprofundamento e qualificação do seu apostolado, uma vez que precisa conciliar outras tantas atividades. Ao se unir a um Time de Evangelização, o jovem leigo missionário oferece um ano (ou outro período determinado) de sua vida para fazer parte de uma equipe que será formada e treinada numa metodologia de evangelização. Além disso, este time é chamado a viver nos moldes de uma autêntica comunidade cristã, que é a base da ação missionária.

Na maioria das vezes, os Times de Evangelização são compostos por jovens entre 17-30 anos e podem contar com a assistência de adultos na formação e supervisão. Diferentemente do que se pode pensar, estes jovens missionários não são escolhidos dentre os aparentemente mais capacitados, ou dentre os que já obtiveram destaque comprovado em sua atividade pastoral. São escolhidos aqueles que se mostram dispostos a viver extraordinariamente bem o seu compromisso, ainda que sejam inexperientes ou não possuam habilidades que saltem aos olhos num primeiro instante. Um dos frutos evidentes do trabalho dos Times de Evangelização é que eles devolvem para a Igreja Local, após este 'ano missionário', jovens comuns, mas que foram formados, treinados e que experimentaram com

intensidade a vivência da missão de batizados. É fato que esses jovens têm feito a diferença em suas paróquias e dioceses.

Esta 'experiência missionária' intensa acaba por despertar muitos para a vocação religiosa. Este Despertar Vocacional acontece nos diversos tipos de Times de Evangelização organizados ao redor do mundo. Talvez a maior razão para tal despertar vocacional, seja o fato de que, ao deixar sua vida secular para a vivência deste 'ano missionário' e fazer deste tempo uma oblação por amor a Deus e aos irmãos, os apegos anteriores que impediam o discernimento do chamado vocacional perdem força e sentido. A alegria experimentada pelos discípulos ao ver a eficácia do Anúncio do Reino (cf. Lc 10,17) é também experimentada por este jovem que fez a experiência de um ano missionário. Abre-se diante dele uma nova perspectiva de vida entregue totalmente ao Reino como fonte de realização. Um dado prático é que desfazer os vínculos para ficar 'fora de casa' por um ano é mais fácil do que para dizer 'adeus' definitivamente à vida secular. Sendo assim, o ano incorporado aos Times de Evangelização se torna um passo intermediário e decisivo rumo à própria vocação específica.

Embora seja dada ênfase a este aspecto do impulso para a vida religiosa, o Despertar Vocacional também serve aos chamados ao matrimônio, pois é parte da formação e compromisso do jovem missionário nos Times de Evangelização se abster de qualquer relacionamento de namoro durante este período. A vida de oração e o apoio comunitário efetivo fazem deste período muito propício para a restauração da autoestima, disciplina dos afetos e exercício da castidade. Como fruto disso, jovens leigos e leigas buscam o namoro e o matrimônio após seu ano de missionário muito mais maduros afetivamente e mais conscientes dos ensinamentos da Igreja sobre o amor humano.

Embora possam diferir também em suas estratégias, a maioria dos Times de Evangelização usa uma abordagem 'relacional', isto é, baseada nas pontes construídas através dos relacionamentos de jovem a jovem, e este deve ser o primeiro elemento a ser trabalhado no processo da evangelização juvenil.¹³⁶ Na prática, seja qual for o conteúdo a ser passado, o jovem missionário precisa se aproximar do outro jovem com genuíno interesse em se fazer um com ele e a partir

¹³⁶ Eduardo PINHEIRO, bispo referencial do Setor Juventude da CNBB, em entrevista durante a XLVII Assembleia Geral da CNBB, em Itaipava, SP, dia 24 de abril de 2009. Disponível em: <<http://youtu.be/lgY8wvftPZI>> Acessado em 05 out 2012.

desta identificação poder testemunhar a experiência pessoal de um Jesus próximo. Não se trata de um conteúdo despejado sobre o outro, mas de uma partilha realista de alguém que vive muito próximo dos mesmos desafios, anseios, dores e alegrias. Essa característica relacional acaba por permear todo o ministério e a metodologia deste tipo de evangelização.

O treinamento para uma evangelização baseada no relacionamento forma o missionário para proporcionar uma ação evangelizadora que seja relevante ao proclamar o Evangelho de forma clara e profundamente inculturada, com linguagem pertinente à realidade juvenil.

A formação precisa ser feita por assistentes experientes no cuidado pastoral do jovem e deve ter dois pilares: a formação para a missão e a formação para a vida comunitária. São essencialmente interligados estes dois eixos do ano missionário nos Times de Evangelização. A formação e treinamento dedicados à missão incluem as ferramentas que a metodologia requer, tais como jogos, teatros, brincadeiras, músicas, como montar um retiro, como conduzir um pequeno grupo de partilha, etc.

Na parte da formação dedicada à vida comunitária, os jovens missionários devem receber acompanhamento pessoal para aprenderem algumas regras que se tornarão essenciais na vida comunitária. As tarefas devem ser divididas para cada um exercer liderança sobre a parte que lhe compete.

Para atender demandas diferentes há diversidade nas possibilidades de trabalho com esta metodologia, podendo haver dois diferentes tipos de Times, o paroquial e o diocesano.

Não se pode esperar que todos os jovens leigos sejam chamados a dedicar um ano de suas vidas nesta metodologia de evangelização, mas aqueles que por Deus forem chamados, serão também por Deus capacitados para se tornarem sal na massa da Igreja Local.

4.3.3 Criar uma Escola de Evangelização

Diante da importância da formação dos evangelizadores e visando melhores resultados, faz-se necessário dar um passo além, uma conversão pastoral que não se apoie só na ação, mas também na formação dos agentes. Por isso a proposta da criação de uma Escola Diocesana (ou arquidiocesana) de Evangelização (EDE). O Espírito tem suscitado experiências similares nas igrejas cristãs e na Igreja Católica, sobretudo nas novas comunidades eclesiais.¹³⁷

A EDE é o lugar onde o jovem leigo encontra maior oportunidade de receber formação e ter vivência apostólica. Seu objetivo é capacitar integralmente os jovens para a atividade missionária, proporcionando formação humana, espiritual e intelectual, afim de que durante seu tempo de permanência na EDE, seja capacitado a exercer a atividade missionária em diversas realidades, e que após a conclusão de seu tempo na EDE, o jovem tenha condições de ser um discípulo missionário em sua paróquia de origem, na diocese e na sociedade.

Os benefícios do tempo integral dedicado à missão já foram anteriormente mencionados. Ao fazer a experiência da EDE, o jovem terá a oportunidade de receber formação, sair em missão e fazer a experiência de vida comunitária que não é possível quando se tem outras atividades prioritárias na vida que não a evangelização.

Se há um grupo, ainda que pequeno, de jovens integralmente dedicados à formação e à missão, além dos benefícios diretos, aos poucos, essa cultura missionária se propagará, seja em suas famílias e comunidades de origem ou nos lugares por onde passarem em missão.

¹³⁷ Escola de Evangelização Palavra Viva <<http://www.palavraviva.com>>, Escola de Evangelização Nossa Senhora de Guadalupe <<http://misericordia.com.br>>, Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono <<http://www.ctmdt.com.br>>.

5 CONCLUSÃO

Com o término da pesquisa sobre “A vocação evangelizadora da Igreja e sua incidência juntos aos jovens no Brasil” é possível lançar um olhar otimista e esperançoso sobre a realidade vindoura.

A Igreja é missionária em sua natureza e a cada século, a cada momento histórico, terá seu ardor e métodos evangelizadores renovados pela ação do Espírito Santo para que possa ser resposta oportuna à realidade em que se encontra. Por mais difícil que pareça a situação do mundo, a Igreja sempre terá condições de apresentar-se como aquela que leva a Boa Notícia a todos os povos.

A juventude sempre foi e será ocasião de transição na história da pessoa, por isso carrega em si tantas peculiaridades e até mesmo crises, mas esse período da vida tem grandes riquezas e vantagens que permitem que a missão evangelizadora da Igreja seja fecunda entre os jovens e a partir deles para o mundo.

A Igreja sempre teve um olhar atento à realidade juvenil. Nos últimos anos, no entanto, tem se debruçado mais sobre a situação do jovem na sociedade e na vida eclesial, procurando favorecer os meios para uma vida com maior dignidade e maior participação, daí reafirmar com veemência, em Aparecida e no documento “Evangelificação da Juventude”, a opção preferencial pelos jovens.

Dessa preferência lançada sobre o jovem decorrem duas vias de ação: ter o jovem como prioridade na práxis pastoral e fazer do jovem protagonista da missão eclesial, sobretudo junto aos outros jovens. Em outras palavras, a Igreja deve se dedicar à evangelização dos jovens e fazer deles próprios agentes dessa evangelização.

Para que isso se torne realidade, faz-se oportuno uma mudança de paradigma que favoreça o surgimento de meios e estruturas que permitam ao jovem formação e espaço para melhor exercer sua vocação missionária.

Ter o jovem como protagonista da ação evangelizadora produz um duplo efeito positivo: os jovens evangelizadores serão realizados na sua vocação missionária batismal e cada vez mais serão comprometidos com o ser Igreja e, os jovens não evangelizados serão melhor alcançados pelo anúncio na medida em que esse lhes for feito por seus amigos, colegas de trabalho, na sua escola, nos ambientes que lhes são familiares e em linguagem própria.

Para uma mudança inicial no cenário da evangelização do jovem no Brasil foi feita, na presente monografia, a sugestão de algumas linhas de ação. Melhores resultados serão obtidos à medida que se tiver a coragem de ousar nos meios para alcançá-los, por isso a proposta da criação de espaços e o uso de novas metodologias, como o Centro para a Evangelização da Juventude, os Times de Evangelização e a Escola de Evangelização. Essas iniciativas permitiriam aos jovens serem os agentes e os destinatários da missão de forma mais eficaz.

A Igreja no Brasil tem muito a oferecer e a receber dos jovens. O ano de 2013, com a realização da Campanha da Fraternidade com o tema “Fraternidade e juventude” e a Jornada Mundial da Juventude a ser realizada no Rio de Janeiro, deverá ser o marco para uma nova primavera na evangelização dos jovens no Brasil e a partir do Brasil para todo o mundo!

REFERÊNCIAS

A FÉ EXPLICADA. **Pensamentos de santos e beatos**. Disponível em: <<http://afeexplicada.wordpress.com/2011/11/24/pensamentos-de-santos-e-beatos>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

ALBERIGO, G. **História dos Concílios Ecumênicos**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

AZEVEDO, W. **Jovens, opção de todos**. Disponível em: <http://www.arquidiocesebh.org.br/site/artigoArcebispo.php?id_artigoArcebispo=322>. Acesso em: 21 set. 2011.

BENTO XVI. **Discurso no encontro com os jovens**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil_po.html>. Acesso em: 02 out. 2012.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Revis. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja. In **Documentos do Concílio Vaticano II**: São Paulo: Paulus, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2013**: Texto base. Brasília: Edições CNBB, 2012 (Texto base CF 2013).

_____. **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB, 85)

_____. **Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010**. São Paulo: Paulinas, 2008. (Documentos da CNBB 87).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**, 47-49. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html>. Acesso em: 13 set. 2012.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Puebla**: Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 8. ed. São Paulo: Paulinas; 1987.

_____. **Conclusões de Medellín:** A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. 5. ed. Petrópolis: Vozes; 1969.

_____. **Documento conclusivo da conferência do Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://www.celam.org/conferencias/Documento_Conclusivo_Rio.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2012.

_____. **Santo Domingo:** conclusões. 7. ed. São Paulo: Loyola; 1992.

_____. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** 4. ed. São Paulo/Brasília: Paulus; Paulinas; CNBB, 2007.

COPPI, P. **Igreja em missão:** teologia e história da missão, animação missionária e nova evangelização. São Paulo: Mundo e Missão, 2006.

DICK, H. **Cartas a Neotéfilo:** conversas sobre assessoria para grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Gritos silenciados, mas evidentes:** jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.

FLORISTAN, Casiano. **Para compreender La evangelizacion.** Pamplona: Verbo Divino, 1993.

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil:** ensaio e interpretação a partir do povo. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOÃO PAULO II. **Audiências.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1995/index_po.htm>. Acesso em: 16 ago. 2012.

_____. **Discurso inaugural da IV Conferencia Geral do Episcopado Latino americano.** Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica_sp.html> Acesso em: 18 set. 2012.

_____. **Discurso na Vigília de oração com os jovens espanhóis.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2003/may/documents/hf_jp-ii_spe_20030503_youth-madrid_po.html>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. **Discurso aos jovens em Cuiabá.** Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1991/october/documents/hf_jp-ii_spe_19911016_giovani_po.html>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. Carta encíclica **Redemptoris Missio**, sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991.

KNOWLES, D. e OBOLENSKY, D. **Nova história da Igreja: a Idade Média**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1994.

LIBANIO, J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

MACKENZIE, J. **Dicionário bíblico**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

PAULO VI. Exortação apostólica **Evangelii Nuntiandi**, sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

PINHEIRO, E. Entrevista durante a 47ª Assembleia Geral da CNBB, em Itaici, SP, dia 24 de abril de 2009. Disponível em: <<http://youtu.be/lgY8wvftPZI>> Acessado em 05 out 2012.

SCHERER, O. **Evangelização da juventude: a opção preferencial esquecida**. Disponível em: <http://www.comshalom.org/formacao/evangelizacao/evangelizacao_da_juventude_assembleia_cnbb_2006.html>. Acesso em: 02 out. 2012.

SILVEIRA, I. **A índole missionária da Igreja na perspectiva da Conferência de Aparecida**. 54f. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2008.

SPINOSA, B. **O assessor e o coordenador na AJS: papel e perfil**. Palestra no Curso de Assessores, em São Paulo, SP, no dia 22 de março de 2009.

ZWETSCH, R. **O conceito de Missio Dei**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17043296/O-CONCEITO-MISSIO-DEI-MISSAO-DE-DEUS-Roberto-Zwetsch-2>>. Acesso em: 21 ago. 2012.